

## VITA KAROLI MAGNI: A CONSTRUÇÃO DE UM *BASILEUS* OCIDENTAL E IMPERADOR CRISTÃO

GREGORY RAMOS OLIVEIRA<sup>1</sup>; DANIELE GALLINDO GONÇALVES SILVA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [gramosoliv@gmail.com](mailto:gramosoliv@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [danigallindo@yahoo.de](mailto:danigallindo@yahoo.de)

### 1. INTRODUÇÃO

A trajetória de Carlos Magno é a temática central da obra de Einhard, a *Vita Karoli Magni*, uma das principais referências para o estudo daquele que foi o primeiro imperador no ocidente em mais de três séculos.

O conteúdo dessa obra biográfica (e de certa forma histórica) evidencia uma mentalidade que buscou construir um indivíduo que exercesse a função de um imperador no ocidente, diferente daqueles que, com o título de *basileus*, exerciam a autoridade imperial em Constantinopla, ainda que suas condutas fossem muito semelhantes e inspiradas na realidade bizantina.

Este trabalho tem por objetivo identificar, por meio da *Vita Karoli*, qual o contexto em que Carlos Magno estava inserido, quais são os fatores que levam a formação de sua autoridade imperial e quais circunstâncias e objetivos levam Einhard a redigir sua maior obra, que pode ser interpretada tanto como uma homenagem aquele lhe concedeu morada na corte, mas também como um modelo para último sucessor vivo de Carlos, seu filho Luís, o Pio.

### 2. METODOLOGIA

Para realização deste trabalho foi utilizada a *Vita Karoli Magni* (tradução em português de Luciano Vianna e Cassandra Moutinho), mas também principalmente a obra *Carlos Magno*, de Jean Favier, para análise principal do contexto em que Carlos e o clero ocidental estavam inseridos, a monografia *A Piedade Como Princípio da Legitimidade Imperial: A Imagem de Carlos Magno na Vita Karoli Magni de Eginhardo (Séculos VIII e IX)*, de Gabriela Twardowski, para identificação do objetivo de Einhard ao produzir a *vita*, entre outros autores (Marc Bloch, Jacques Le Goff, Emilio Cabrera Muñoz e Gabriel Jackson) que permitiram uma visão mais aprofundada do contexto no qual Carlos, Einhard e a própria *Vita Karoli Magni* estão inseridos.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A *Vita Karoli Magni* pode ser encarada além de uma obra biográfica, um manual para que Luís, o Pio, seguisse o exemplo de seu pai, Carlos Magno. Einhard cria por meio de sua obra a figura de um líder carismático que Paulino de Aquileia considerava como o “rei e sacerdote, mui sábio governante do povo cristão” (FAVIER, 2004, p.510), num argumento que justifica a noção do clero de que era Carlos o “Novo Davi” e eram os francos o “povo escolhido” (FAVIER, 2004, p.510). Pode-se concluir que Carlos foi o herói nacional dos francos, e sua dinastia completamente influenciada por sua aura mítica legitimada não apenas por seus feitos, mas pela narrativa daquele que fora criado na corte.

Einhard transcreveu para sua obra uma percepção que os demais clérigos tinham da autoridade de Carlos. E a admiração dos clérigos da cristandade ocidental, ou seja, dos bispos, monges, e mesmo pontífices do Ocidente Medieval, está evidenciada em diversas correspondências. Como principal exemplo, o pontífice Adriano I (seu amigo tão próximo que Einhard descreve ter sido o lamento de Carlos como sendo semelhante à perda de um parente), num momento de necessidade de legitimação do forjado documento conhecido como “Doação de Constantino”, chama-o de “Imperador mui cristão” e “Novo Constantino” (FAVIER, 2004, p.472) mais de duas décadas antes que Carlos fosse coroado *Imperator et Augustus*, no mesmo ano que o rei dos francos conquista a coroa de ferro e o trono do Reino Lombardo (774). Fica evidente que o clero começa a reconhecer que a autoridade de Carlos não se restringe ao seu povo, mas abarca todo o povo Cristão. Atribui-se a Carlos a autoridade sobre o mundo secular e espiritual, no que pode ser interpretado como influência do comportamento cesaropapista que a autoridade imperial exercida em Constantinopla exibia há séculos, um eco da sacralidade do imperador de Roma, descrito como “décimo terceiro apóstolo”. Essa santidade do líder do mundo secular houvera sido preservada e mesmo intensificada no oriente, onde a cabeça da Igreja Bizantina era o *basileus*, mas desaparecera no ocidente pela extinção do imperador ocidental e a ascensão do pontífice ao título de líder do mundo espiritual e – após o documento forjado pela chancelaria romana de 750 – guardião de um império que somente existia em essência (FAVIER, 2004, p.469). Somente Carlos pareceu à cristandade Ocidental o primeiro líder a ser digno de deter a autoridade imperial sobre o povo cristão, ainda que não tenham planejado tornar Carlos tão poderoso ao ponto de ser o líder absoluto da Igreja de Roma, o que ele também não pretende, pois desde a década de 790 deixa claro ser o líder da Igreja essencialmente Franca, visto que realiza seus concílios dentro de seus domínios (FAVIER, 2004, p.476).

Ademais, Einhard percebe que a partir de sua elevação ao título de imperador, Carlos irá buscar reformar a Frância, compilando leis, costumes e tradições francas para a posteridade. É destacada a preocupação tanto de Carlos quanto de seus contemporâneos com a preservação de sua cultura na forma escrita, bem como a delimitação de uma identidade franca, conforme evidente na necessidade em modificar, por exemplo, o nome dos meses e ventos do idioma “bárbaro” ou romano para o franco (EINHARD, 2014, p.10). Percebe-se que o Império Cristão que se pretendia Romano e era predominantemente Galo-Germânico deslocava a importância que tinha Roma e o Mediterrâneo para o norte, onde Aachen passa a ocupar o centro do medievo ocidental, relegando Bizâncio à condição de estranheza frente ao restante da Europa, condição esta que ocupará até sua derrocada em 1453.

A hegemonia dos francos, mesmo com a dissolução da Frância nos fins do século IX, transforma o continente europeu ao ponto de ser o primeiro movimento para a reorganização no ocidente após os séculos que sucederam a obliteração da *Pars Occidentalis*, as *Völkerwanderungen* e a expansão muçulmana. Mesmo que a expansão e consolidação do domínio da Frância tenham durado efetivamente não mais do que dois séculos (VIII e IX), é nesse momento que a Idade Média Ocidental deixará de se caracterizar somente pelo período posterior à ruína do Império Romano Ocidental, mas com uma essência endêmica, na qual francos e germânicos passam a ocupar um

contexto outrora exclusivamente latino e grego. É nesse contexto que surge a figura de Carlos, herdeiro dos Reinos Francos que seu pai, Pepino o Breve, havia unificado (Austrásia e Nêustria, por exemplo), e avança sobre parte da Hispânia, a Saxônia, os territórios dos Bávaros, Turíngios e o Reino Lombardo, numa parte da obra em que Einhard detalhadamente descreve os sucessos militares e diplomáticos do soberano dos francos. Em quase meio século Carlos torna tributários de sua autoridade territórios que nem mesmo os Romanos haviam dominado. Em virtude disto, optamos pelo termo *Frância* ao invés de *Império Carolíngio* ou *Reino dos Francos*, pois mesmo que seus domínios não constituam a priori apenas o trono do herdeiro de Pepino, a designação *Império* seria apropriada somente após a efetiva coroação ao título imperial, pelo papa Leão III no natal de 800, momento em que a Frância já era *de facto* um domínio além de um reino. Para aqueles que o cercavam apenas a autoridade real pareceu insuficiente para descrever a sua total influência no ocidente (e parte do oriente) medieval, haja vista a expansão de sua influência não somente para os territórios incorporados a Frância, mas para os reinos Britânicos, da Hispânia Cristã bem como a amizade com o califa de Bagdá, Harun Al-Rashid (EINHARD, 2014, p.6), que presenteou os francos com nada menos que a posse do Santo Sepulcro de Cristo. Essa aliança justificada por Einhard como em virtude da generosidade de Carlos para com os miseráveis cristãos de seu domínio e além, no que poderíamos considerar como uma estratégia de conquistar por meio de seu carisma o destaque para seu povo e império em detrimento dos maiores rivais dos francos, os bizantinos, com os quais o ocidente opunha-se desde a questão iconoclasta, e ainda mais quando a *basilissa* Irene – que Einhard não menciona – usurpa o trono de seu filho. Durante seu império, o ocidente considerará o trono imperial como vacante, e oportunamente Leão III, em retribuição por ter sido salvo pelos francos das conspirações de seus opositores em Roma, irá tornar-lhe imperador. Ao episódio da coroação, Einhard irá suscintamente descrevê-lo, salientando a ideia de que Carlos era contra a coroação (EINHARD, 2014, p.10). Mesmo que para sua esfera de influência não reste dúvida sobre sua autoridade, a busca por reconhecimento de seu título pelo Império Bizantino teve fim somente próximo do fim de sua vida, quando Miguel I Rangabé passa a declarar-se em correspondências à Carlos como “basileus dos romanos” e, em troca, Carlos retira qualquer menção de domínio sobre os romanos de seu título (FAVIER, p. 519-520).

Esse trabalho foi uma etapa inicial de um projeto maior que irá lidar com a construção da figura de Carlos Magno nos séculos posteriores, tendo por foco a busca por compreender a forma com que cada releitura concebeu uma versão mitificada de uma personagem histórica.

#### 4. CONCLUSÕES

O relato de Einhard apresenta-nos a figura de um líder que se define tanto por sua autoridade como por sua religiosidade e valorização das relações interpessoais. O conselheiro descreve de forma completamente parcial aquele que consolidou a presença galo-germânica no ocidente medieval, adquirindo títulos que somente existiam no oriente. E não somente títulos, como muitos hábitos e práticas de Carlos Magno após a coroação em 800 refletem uma apropriação de métodos que o qualificariam não como um *Imperator* ou

*Augustus*, mas sim um *basileus* dos francos e povos que lhe eram subordinados. A obra de Einhard, mesmo com o possível intuito de ser um manual para influenciar uma modificação do império de Luís, o Pio, serviu de base não apenas para que Carlos Magno se tornasse uma figura ainda mais mítica entre os francos, como também a criação de outras *vitae*, obras biográficas que transformaram outros líderes em figuras de destaque em seus respectivos povos, como a *Vita Ælfredi regis Angul Saxonum* (Vida do Rei Alfred dos Anglo-Saxões), escrita pelo monge Asser em 893.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EINHARD. **Vida de Carlos Magno (c. 817-829)**. Tradução de Luciano Vianna e Cassandra Moutinho. 2014. Acesso em 22 de julho de 2018. Disponível em: <https://compartilhandohistoria.files.wordpress.com/2015/11/vida-de-carlos-magno-c-817-829- -histc3b3ria-medieval-prof-dr.pdf>.

BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos**: O caráter sobrenatural do poder régio na França e Inglaterra. Tradução de Júlia Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

FAVIER, Jean. **Carlos Magno**. Tradução de Luciano Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

JACKSON, Gabriel. **Introducción a la España medieval**. Tradução de Javier Faci Lacasta. Madri: Alianza Editorial, S. A., 2008.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente Medieval**. Tradução de José Rivair de Macedo. Bauru: EDUSC, 2005.

MUÑOZ, E. C. **Las Segundas Invasiones**: La desintegracion del imperio de Carlomagno. In: PALENZUELA, V. A. A. **História Universal de la Edad Media**. Barcelona: Ariel, 2002. Cap.13, p.291-314.

TWARDOWSKI, Gabriela Monteiro. **A Piedade Como Princípio da Legitimidade Imperial**: A Imagem de Carlos Magno na *Vita Karoli Magni de Eginhardo* (Séculos VIII e IX). 2017. 45f. Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Curso de Licenciatura e Bacharelado em História, Universidade Federal do Paraná.